

# *A Way With Words*: \*UM ESTUDO BARTHESIANO SOBRE *Carry Fire*

Fábio Cruz & Arthur Freire Simões Pires

Universidade Federal de Pelotas

DOI: 10.25768/20.04.01.013

## Índice

1 Aspectos introdutórios . . . . .	1
2 Objetos de estudo . . . . .	2
2.1 Características da crítica e Jornalismo Cultural . . . . .	2
2.2 O <i>ethos</i> jornalístico . . . . .	3
3 O aporte teórico barthesiano . . . . .	4
4 Análise e apresentação dos resultados	5
4.1 Descrição da crítica do portal inglês	5
4.2 Descrição da crítica do portal brasileiro . . . . .	6
4.3 Análises . . . . .	6
Considerações finais . . . . .	9
Referências Bibliográficas . . . . .	10

## 1 Aspectos introdutórios

**O** ANO é 2017, em seu segundo semestre, mas os artistas do século anterior continuam obtendo grande sucesso com o público, como comprova a revista Forbes ao publicar

os músicos que mais obtiveram lucro em turnês no determinado período. Entre os cinco primeiros estão *Guns N' Roses*, *U2*, *Metallica* e *Depeche Mode*, bandas surgidas na segunda metade do século XX<sup>2</sup>.

Esse se torna um dos fatores pelos quais estes músicos não deixam de produzir novos materiais e, conseqüentemente, aparecerem na mídia. As entrevistas, shows, aparições em público, somados aos lançamentos de álbuns, fazem com que a imprensa redija notícias e reportagens sobre os – neste caso – rockeiros.

Sendo assim, uma das vertentes do jornalismo cultural, a crítica musical, acaba chamando a atenção por avaliar alguns desses eventos. Como exposto por Piza (2003), este braço do gênero jornalístico tem um fator histórico e atrai diferentes públicos quando analisa um trabalho. Neste sentido, não<sup>3</sup> visamos avaliar o disco em foco – *Carry Fire*, do cantor inglês Robert Plant – expondo nossa opinião sobre ele, mas, sim, pretendemos debruçar-nos sobre os textos críticos observando se eles

\*Canção presente no álbum em que se centraliza o estudo. Sua tradução (livre) é “um caminho com palavras”. A utilização aqui passa por um sentido de metalinguagem.

tor(es). O artigo, bem como a autorização de publicação das imagens, são da exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

© 2020, Fábio Cruz & Arthur Freire Simões Pires.

© 2020, Universidade da Beira Interior.

O conteúdo deste artigo está protegido por Lei. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação da totalidade ou de parte desta obra carece de expressa autorização do editor e do(s) seu(s) au-

<sup>2</sup> Disponível em [www.forbes.com/sites/hughmcintyre/2017/07/20/these-are-the-top-10-highest-grossing-tours-of-2017-so-far/2/#775f148b75e8](http://www.forbes.com/sites/hughmcintyre/2017/07/20/these-are-the-top-10-highest-grossing-tours-of-2017-so-far/2/#775f148b75e8). Acesso em 25 dez. 2017.

<sup>3</sup> Grifo nosso.

são consonantes com o que propõe o *ethos* da profissão jornalística. Para este fim, foram selecionadas duas críticas, uma ligada ao portal brasileiro Universo Online (UOL) e outra ligada ao jornal inglês *The Guardian*.

Para isso, entendemos que o cabedal teórico de Roland Barthes (1964, 1993), através das categorias *fait divers* e estereótipo, será pertinente para compreender a condução colocada pelos autores das resenhas, enquanto Piza (2003) nos orientará as diretrizes conceituais do jornalismo cultural.

## 2 Objetos de estudo

Como dito anteriormente, o cerne da nossa análise são as críticas ao disco *Carry Fire*, de Robert Plant. O álbum foi lançado no dia 13 de outubro de 2017, pelo selo *Nonesuch Records*, da gravadora *Warner Bros*, e se configura como o décimo primeiro trabalho de estúdio do cantor. Deste modo, a obra consiste no objeto empírico do presente estudo.

Plant é um artista globalmente conhecido, sobretudo por seu trabalho com a banda inglesa *Led Zeppelin*, acumulando apresentações além de seu país de origem – Inglaterra – ao longo de sua carreira. Seu talento é reconhecido por diversas publicações especializadas em jornalismo cultural, com seu nome presente em listas de melhores cantores do gênero rock<sup>4</sup>, e de modo geral<sup>5</sup>. Além disso, seu

<sup>4</sup> Seu nome ocupa uma colocação expressiva na lista de melhores cantores de rock da revista *Billboard*. Disponível em [www.billboard.com/photos/6721847/best-rock-singers-of-all-time](http://www.billboard.com/photos/6721847/best-rock-singers-of-all-time). Acesso em 25 dez. 2017.

<sup>5</sup> Um dos exemplos é a lista dos 100 maiores cantores da história, publicada pela revista *Rolling Stone*. Disponível em [www.rollingstone.com/music/lists/100-greatest-singers-of-all-time-19691231/robert-plant-20101202](http://www.rollingstone.com/music/lists/100-greatest-singers-of-all-time-19691231/robert-plant-20101202). Acesso em 25 dez. 2017.

<sup>6</sup> Disponível em [www.riaa.com/gold-platinum/?tab\\_active=t o p \\_ t a l l i e s &ttt=TAA#search\\_section](http://www.riaa.com/gold-platinum/?tab_active=t o p _ t a l l i e s &ttt=TAA#search_section). Acesso em 25 dez. 2017.

<sup>7</sup> Publicação dominical, dividida em notícias e esporte, a re-

antigo grupo é um sucesso de vendas, comercialmente um expoente dentro do rock'n'roll<sup>6</sup>.

Para analisar *Carry Fire*, selecionamos dois textos: um assinado por Felipe Cotta, veiculado no dia 13 de outubro de 2017, no blog Omelete, do portal UOL, e o segundo por autoria de Phil Mongredien, publicado em 15 do mesmo mês e ano, no *The Observer*<sup>7</sup>, do jornal *The Guardian*.

A crítica postada no UOL foi escolhida por conta dos acessos ao site, o qual se configura como o sexto mais buscado do Brasil<sup>8</sup>, enquanto o periódico britânico é caracterizado como uma das instituições jornalísticas mais influentes do planeta, destacando-se por publicações como a do caso Snowden<sup>9</sup>.

Portanto, analisaremos o papel jornalístico através<sup>10</sup> do jornalismo cultural e, neste sentido, outro constituinte do *corpus* do estudo é o próprio gênero. E isso se dá exatamente por ser uma manifestação do ofício e servir de lupa para a análise do *ethos* e proposição da profissão nos dois textos selecionados.

### 2.1 Características da crítica e Jornalismo Cultural

Para estabelecermos um local de fala acerca da crítica de espetáculos e obras de arte (não apenas plásticas, mas teatrais, musicais etc.), precisamos entender que o espaço opinativo se destaca em diferentes veículos desde seus

vista *Observer* é uma sessão de resenhas, como publicado no site do Guardian (dono do *Observer*). Disponível em [www.theguardian.com/media/organgrinder/2010/feb/15/observer-relaunch-spirit-of-1791](http://www.theguardian.com/media/organgrinder/2010/feb/15/observer-relaunch-spirit-of-1791). Acesso em 25 dez. 2017.

<sup>8</sup> Disponível em <http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2017/06/saiba-quais-sao-os-50-sites-mais-acessados-do-brasil.html>. Acesso em 25 dez. 2017.

<sup>9</sup> O *Guardian*, como é chamado, publicou um furo de reportagem no qual expôs ao mundo, com exclusividade, um esquema de espionagem do governo americano sobre seus próprios cidadãos através de uma fonte, que era Edward Snowden.

<sup>10</sup> Grifo nosso.

princípios. Concordando ou não, uma parte considerável do público consome o conteúdo de autores sobre trabalho de diferentes artistas.

Segundo Piza (2003), a avaliação das artes começa após o período renascentista, ressaltando elementos temporais de autores específicos (como Voltaire) que se tornariam cruciais para um espaço de opinião, como a liberdade de expressão. “Iniciava-se então, graças ao poder multiplicador da imprensa, uma era de ouro do jornalismo europeu, tão influente na modernidade quanto revoluções políticas, as descobertas científicas, a educação liberal ou o romance realista” (Piza, 2003, p.13). Ali o número de periódicos crescia e uma quantidade ainda maior de leitores os sustentava e estimulava em produções.

Ao olharmos a cronologia histórica do jornalismo de cultura, é possível dar um destaque em especial aos textos críticos. Em periódicos clássicos do gênero jornalístico, por exemplo, a crítica pode funcionar como um dos destaques de suas edições. Revistas como a *Rolling Stone*, chegando a jornais tradicionais como o *New York Times*, têm um espaço dedicado às análises críticas.

O desempenho do crítico não deve ser tendencioso visando uma gratificação futura. Ou seja, o jornalista não pode ser omissivo e valorizar apenas o que há de positivo ou negativo em uma determinada obra em troca de benefícios, sejam pessoais ou profissionais. Para ilustrar: um resenhista não deve fazer um texto negativo apenas por não concordar com a proposta da obra ou por não ter um relacionamento saudável com o artista (e a mesma lógica serve para uma situação oposta, quando há um excesso de elogios sem qualquer espaço razoável de sustentação argumentativa).

Tanto na crítica, quanto na notícia, reportagem ou demais manifestações do ofício jornalístico, a transparência e o compromisso com a qualidade da informação devem ser levados em consideração. Porém, quando falamos sobre análises de obras culturais, o jornalista que escreve a resenha tem de justifi-

car a opinião. De forma que, ao elogiar ou depreciar uma canção, uma cena, um quadro etc., deve criar bases que sustentem e deem ao texto uma razão lógica, uma linearidade. Caso seus comentários não possuam uma explanação para embasá-los, há uma quebra com o bom senso e a proposta da crítica uma vez que ela possui um caráter construtivo, colaborando para um diálogo com o artista e suscitando discussões acerca da determinada obra com os leitores e consumidores.

Para estabelecer uma espécie de sistema, tomamos por base a obra de Piza (2003), na qual o autor discorre sobre os elementos necessários para um bom texto crítico. Ele soma à clareza, coerência e agilidade (adjetivos os quais são entendidos como marca de um texto jornalístico de boa qualidade), os seguintes pontos: informar em linhas gerais sobre a obra, analisar de forma sintética (elencando qualidades e defeitos) e, por fim, ir além do objeto analisado.

Então, em resumo, a crítica jornalística deve oferecer ao leitor uma variedade de sensações, despertando interesse para fazer sua própria leitura da obra, e, também, oferecer uma visão fora do senso comum. Assim, haveria o cumprimento das proposições deste subgênero do jornalismo.

Enfim, neste trabalho, pretendemos observar o conteúdo publicado nos textos e as ferramentas discursivas utilizadas pelos autores das críticas e concluir se estes cumprem os requisitos supracitados de forma a respeitar a relação entre artista, crítico e público-leitor.

## 2.2 O *ethos* jornalístico

Será extremamente necessário, no presente estudo, esclarecer nosso entendimento quanto ao *ethos*, sobretudo por se tratar de um conceito básico para a sequência da leitura. Especialmente pelo fato de que será um dos pontos cruciais para as análises das críticas. Então, de forma simples, o *ethos* nada mais é do que a ética do jornalista e sua manifestação empírica, proposição profissional idealizada no

exercício do ofício jornalístico, consequentemente, seu cumprimento.

Essa postura é necessariamente indissociável do jornalista, independentemente de sua posição hierárquica em seu veículo de trabalho, seja ele qual for. Como explica Christofolletti (2008, p. 11), “repórteres, redatores e editores precisam dominar equipamentos e linguagens, mas não devem se descolar de seus compromentimentos e valores”. E complementa: “[esses] podem tentar suspender suas opiniões em certos momentos, mas, se por acaso esquecerem suas funções e suas relações com o público, vão colocar tudo a perder” (2008, p. 11).

Ao percebermos que o profissional não escreve apenas para si mesmo, mas para um público, existe a necessidade de se trabalhar de maneira verdadeira e comprometida com a lapidação e divulgação de informações de interesse público, pensando no social, no coletivo, e na contribuição com este todo.

### 3 O aporte teórico barthesiano

Para embasar nossas análises, optamos por utilizar as abordagens dos *fait divers* e dos estereótipos barthesianos. A expressão *fait divers* significa “fatos diversos”, “casos do dia”, e foi uma categoria desenvolvida pelo semiólogo francês Roland Barthes. Nela, o intelectual arquiteta tipos e subtipos, explicando como estes se manifestam.

Antes de expormos a teoria do autor expressamente, precisamos esclarecer o que é o *fait divers*. “É a informação sensacionalista, procedente de uma classificação do inclassificável” (Cruz e Curi, 2015, p. 75), ou seja, são artifícios de captar a atenção do público através da narrativa utilizada no material (no caso) jornalístico. Os “casos do dia” refletem o capitalismo contemporâneo que, através dos seus significados e métodos, fornece elementos que tendem a relegar os indivíduos à passividade e à manipulação ao mesmo tempo que

obscorece a natureza e os efeitos do poder vigente. Fomentando uma memória curta e efêmera, o *fait divers* reflete algumas das premissas da era globalizante: as informações devem ser líquidas e, ao mesmo tempo, devem atingir o emocional das pessoas.

Para isto, Barthes (1964) divide os casos do dia em dois tipos, cada um comportando dois desmembramentos. Então, temos: causalidade – a qual carrega consigo as causas esperada e perturbada – e coincidência – que traz os *fait divers* de antítese e repetição. Na causa esperada, a narrativa dá enfoque ao *dramatis personae*<sup>11</sup>, de maneira que a situação vivida pelo personagem gera sensações como desconsolo, piedade.

Por outro lado, o *fait divers* de causa perturbada caminha na contramão do supracitado. Seu enfoque é na origem, e não na causa. Exatamente pelo fator ilógico, de quebra de expectativas, ao imaginarmos uma resolução dedutível e ela não se concretizar. Mais do que isso, ter um desenredo bastante diferente. Podemos dizer, então, que este *fait divers* é focado na origem, por seu fator de imprevisibilidade.

Na causa perturbada, ocorrem fatos excepcionais, espantosos, que implicam perturbação, conflito. Há um efeito (o conflito surge daí). No entanto, a causa é desconhecida, imprecisa, ou, até mesmo, ilógica, sem sentido. Não obstante, uma pequena causa pode provocar um grande efeito. Há uma riqueza de desvios causais. Devido a certos estereótipos, esperamos uma causa e surge outra, mais pobre do que a esperada. Neste gênero de relação causal, há o espetáculo de uma decepção; paradoxalmente, quanto mais escondida, mais notada será essa causalidade.

A partir daí, adentramos o outro tipo dos casos do dia, a coincidência. No *fait divers* de coincidência, subtipo antítese, o centro passa a ser duas ideias antagônicas dividindo o mesmo espaço de discussão. Em especial,

<sup>11</sup> Tradução (livre): personagem dramático. Como exemplo,

temos crianças, mães e idosos, de modo geral, pessoas que apresentam algum grau de vulnerabilidade.

essa subcategoria é marcada pela emocionalidade (de certa forma, em alguns exemplos, a passionalidade). A antítese une dois termos opostos, como se nunca tivessem sido, estabelecendo a noção de conflito, disponibilizando o excesso do emocional, conforme colocado acima. Em cada termo, pertencendo a um percurso autônomo de significação, a relação de coincidência apresenta, como função paradoxal, fundir dois percursos diferentes em um percurso único. Já na coincidência por repetição, como o próprio nome diz, o elemento principal é o repetir de uma informação, levando o receptor a imaginar causas desconhecidas, que ocorrem em circunstâncias diferentes.

De acordo com Ramos, “podemos encontrar na mídia impressa e eletrônica, a presença do *fait divers*, como a informação sensacionalista, o que permite, complexamente, os diálogos entre a objetividade jornalística com as interpelações emocionais” (2012, p. 15). Por conseguinte, o estudo em torno dos casos do dia se dá, não pela simples identificação deles, mas, sim, pela análise de exacerbação.

Outra contumaz categoria midiática é o estereótipo. Autênticas construções simbólicas com munição para persuadir, os estereótipos são rápidos, superficiais e, ao mesmo tempo, duradouros. Presença constante nas práticas discursivas da mídia, essa categoria julga através de textos e imagens de forma cumulativa, reducionista e superficial. Assim, “abrange a figura do rótulo classificatório, que usa, como recursos, a palavra e a imagem repetidas. Representa um fechamento do sentido, que não proporciona a reflexão” (Ramos, 2012, p. 42).

Os estereótipos agem, portanto, como uma espécie de barreira ao tentar tolher avan-

ços reflexivos no receptor. Recheando o cotidiano com clichês datados, reduzem todas as características de um objeto a uma coisa só, repelindo tudo aquilo que é diferente (Barthes, 1993). Ao produzirem sentido para um determinado sistema de poder, os estereótipos promovem, por conseguinte, uma visão de mundo (ideologia) atrelada às forças hegemônicas e suas normas de valores e de conduta (Thompson, 1995).

## 4 Análise e apresentação dos resultados

### 4.1 Descrição da crítica do portal inglês<sup>12</sup>

Em formato de nota, o crítico Phil Mongredien opina sobre o último lançamento de Robert Plant em nove linhas e qualifica o long-play como digno de quatro estrelas<sup>13</sup>. Seu texto inicia indicando que o artista “*has been defined by a stylistic restlessness*”<sup>14</sup> em anos recentes, ressaltando a variedade de estilos musicais abraçados pelo cantor. Em seguida, escreve que não há um desvio brusco entre o álbum atual e o antecessor.

Há, então, um elogio à banda a qual acompanha o *frontman*, descrevendo-os como “*artfully flesh out the rock and folk elements*”<sup>15</sup> e complementa com alguns instrumentos utilizados pelo grupo durante as faixas de *Carry Fire*. A partir daí, o crítico aborda questões mais pontuais e opta por falar sobre as canções.

Então, o crítico descreve que as letras do disco falam de questões maiores, comparando temáticas semelhantes às trabalhadas na época do *Led Zeppelin*. Por fim, Mongredien coloca como outros destaques o “heavy blues”

---

<sup>12</sup> Disponível em [www.theguardian.com/music/2017/oct/15/robert-plant-carry-fire-review](http://www.theguardian.com/music/2017/oct/15/robert-plant-carry-fire-review).

<sup>13</sup> O equivalente à nota máxima é cinco estrelas.

<sup>14</sup> Tradução livre: tem sido definido por uma inquietação estilística.

<sup>15</sup> Tradução livre: artisticamente completam os elementos de rock e folk.

<sup>16</sup> Vocalista e guitarrista da banda The Pretenders.

<sup>17</sup> Cantor e compositor estadunidense.

e o dueto de Plant com a cantora Chrissie Hynde<sup>16</sup> na música de autoria de Ersel Hickey<sup>17</sup>.

## 4.2 Descrição da crítica do portal brasileiro<sup>18</sup>

Na crítica publicada através do blog Omelete, o crítico Felipe Cotta inicia o texto com elogio e destaca a evolução artística do cantor ao escrever que “um dos maiores veteranos do rock<sup>19</sup> sabe que não faz sentido tentar sair berrando por aí como se o tempo não tivesse passado. E é sobre a passagem do tempo – e os aprendizados que ela traz que Plant canta aqui<sup>20</sup>”.

Em seguida, o resenhista caracteriza, de maneira indireta, que o artista não fez uma retomada do passado (fazendo memória aos tempos de *Led Zeppelin*) e não se desconecta totalmente de suas raízes, por assim dizer. “Esse trabalho transforma *Carry Fire* num dos trabalhos mais ricos de Plant nos últimos anos”, escreveu o autor da crítica. Além disso, ele elenca elementos musicais os quais circundam o universo harmônico e lírico do cantor.<sup>21</sup>

Após uma adjetivação do álbum, de maneira geral, Cotta, no quarto parágrafo, começa a falar sobre cada canção, individualmente. A partir de sua interpretação do ma-

terial lírico presente na obra, o crítico mescla suas sensações pessoais com suas deduções. Podemos perceber isso no seguinte excerto: “A energética<sup>22</sup> ‘New World’ abusa das guitarras e é um dos pontos altos do álbum,<sup>23</sup> onde ele canta com vigor e sem se comprometer com nenhuma tentativa de emular a si mesmo”.<sup>24</sup>

Então, o autor da crítica termina o texto “abraçando” a obra e afirmando: “é Robert Plant em sua constante jornada de (re)descobertas, celebrando o presente e respeitando o passado. Que bom que ainda existem ícones preocupando em manter-se relevantes”.<sup>25</sup> E, por fim, qualifica o álbum com a nota 4.<sup>26</sup>

## 4.3 Análises

Iniciaremos a apresentação da análise com a publicação do *The Observer*, por conta de se localizar no mesmo país do artista, a Inglaterra. A crítica foi assinada por Phil Mongredien e seu título estampava “Robert Plant: *Carry Fire* review – more of a good thing”.<sup>27</sup> O texto é bastante curto, feito em formato de bloco de palavras, totalizando um parágrafo, basicamente uma nota.<sup>28</sup>

Ao dividirmos a publicação em duas, a primeira metade faz uma descrição breve e conceitual sobre o estágio artístico em que

<sup>18</sup> Disponível em <https://omelete.uol.com.br/musica/critica/robert-plant-carry-fire-critica/>.

<sup>19</sup> Grifo para destacar o que havíamos apontado anteriormente.

<sup>20</sup> Grifo para destacar o que havíamos apontado anteriormente.

<sup>21</sup> Ali são citados estilos musicais além do rock e o rótulo do que foi trabalhado pelo músico durante as décadas de 80 e 90.

<sup>22</sup> Grifo para destacar o que havíamos apontado anteriormente.

<sup>23</sup> Grifo para destacar o que havíamos apontado anteriormente.

<sup>24</sup> Grifo para destacar o que havíamos apontado anteriormente.

<sup>25</sup> Grifo para destacar o que havíamos apontado anteriormente.

<sup>26</sup> O equivalente à nota máxima é cinco.

<sup>27</sup> “Robert Plant: resenha *Carry Fire* – mais de uma coisa boa” tradução (livre).

<sup>28</sup> Muitos periódicos optam por esta forma, vide a revista *Rolling Stone*. Porém, este método é selecionado quando há uma lista de discos a serem abordados num espaço específico, visto nas edições do impresso citado.

<sup>29</sup> A banda se chama *The Sensational Space Shifters*.

<sup>30</sup> Lançado em 2014, o trabalho antecessor a *Carry Fire* tem o nome de *Lullaby and... The Ceaseless Roar*.

o cantor se encontra, fala sobre a banda de apoio<sup>29</sup> e, por fim, faz uma pequena comparação ao *long-play* anterior.<sup>30</sup> Após isso, chega “o núcleo” da crítica propriamente dito. Ou seja, o crítico tece sua visão quanto ao material lírico de fato, citando algumas músicas.

Confrontando o material escrito por Mongredien com os aspectos ressaltados por Piza (2013) no que tange à crítica cultural, o texto publicado no Guardian falha. Não se estabelece um local de fala retomando o que é (no

período o qual a resenha foi publicada) a carreira do cantor. Não são apresentadas influências e evoluções, linearidade ou quaisquer outros substantivos os quais poderiam contribuir para uma ilustração de quem é hoje Robert Plant.

Mais do que isso, o autor foi tão diminuto ao ponto de não justificar, em momento algum, o porquê daquela nota. Em um dos comentários, um internauta pontua:



11834f 17 Oct 2017 21:13

Was this a review? All nine lines? Or did I miss the rest of it somewhere?

< Share

2 ↑

Report 31

Desta forma, além de falhar na informatividade (preceito básico do jornalismo), a resenha também falha no quesito do conteúdo. Portanto, o leitor que desconhece a obra do artista não terá (ao ler) a menor noção do que o último álbum representa para a carreira do músico e de como ela, cronologicamente, avançou. Neste sentido, podemos detectar, aqui, a presença do *fait divers* de causalidade através do subtipo da causa perturbada uma vez que não podemos precisar as causas da evolução do trabalho do músico inglês. Esse texto crítico informa pouco (e de maneira confusa, pelos pontos já citados) e não argumenta a razão pela qual o disco recebeu a nota. Seja uma crítica positiva ou negativa, é necessário esclarecer ao leitor e ao objeto de crítica os pontos altos e baixos de seu trabalho.

Esta causa perturbada se repete de linha em linha do texto publicado pelo portal britânico, exatamente pelas bases argumentativas não serem coesas e, muito menos, claras. A opinião do autor é colocada ali sem uma

sustentação, sem qualquer local de fala, abusando, apenas, da “estereotipação” do artista.

Diferentemente do que se espera ao ler um texto do período atual da carreira de um artista, o autor não consegue fugir das comparações estereotipadas e diretas com o seu passado. Isso se dá especificamente quando Mongredien estabelece ligações sobre o conteúdo lírico do atual trabalho com um sucesso do *Led Zeppelin*.<sup>32</sup>

Independentemente da localização geográfica, a crítica, a notícia, a reportagem ou o material jornalístico proposto deve informar do leitor mais leigo ao fã incondicional. O texto do veículo britânico fica vago, sendo que, se não houvesse a pontuação e o título, seria difícil definir a opinião do autor de fato. Devido à escolha argumentativa, facilmente paira a dúvida se o crítico caracteriza o disco como mediano ou bom (que foi o caso).

Já o texto de Felipe Cotta tem uma forma diferente de manifestação. Rompendo com tudo o que foi posto anteriormente, a crítica possui uma narrativa cheia de comparações e

<sup>31</sup> Tradução livre: “Isso é a resenha? Todas as nove linhas? Ou eu perdi o resto em algum lugar?”. Imagem captada na postagem, disponível em [www.theguardian.com/music/2017/oct/15/robert-plant-carry-fire-review](http://www.theguardian.com/music/2017/oct/15/robert-plant-carry-fire-review). Acesso: 08 jan. 2017.

<sup>32</sup> No caso, *Immigrant Song*.

descrições sobre o objeto em questão. Com abordagens diretas e, em alguns momentos, expressamente bem-humorada, a resenha brasileira locupleta a audiência de informações e dá um panorama (não extremamente aprofundado) mas além do óbvio sobre quem é o artista hoje.

Com enfoque voltado ao trabalho como um todo e sem grandes marcas de exacerbação de sensacionalismo, o autor empilha parágrafos nos quais caracteriza conceitualmente o andamento do disco e, em outros momentos, evidencia atributos em canções específicas da obra. Ele consegue sanar quase todos os pontos (anteriormente citados) estabelecidos por Piza (2013) para uma boa resenha cultural.

Mesmo tocando em assuntos os quais poderiam gerar algum tipo de encruzilhada, em se tratando de opinião de modo geral, como o misticismo de Plant, de forma alguma o redator foge ao tema, que é o álbum em questão. E, apesar de não ir além das comparações facilmente dedutíveis e, a exemplo da crítica anterior, estereotipadas (como as da carreira solo do cantor com sua antiga banda), a resenha apresenta um conteúdo com bom volume analítico em relação ao que se propõe.

O que deixa dúvida sobre a idoneidade de todos os pilares da argumentação do crítico brasileiro é o excesso de adjetivação durante sua resenha. Nitidamente, o autor é um admirador da carreira e obra de Robert Plant. Isso pode, sim, afetar sua percepção sobre o álbum e dificultar na análise de pontos negativos. Esta dúvida paira ainda mais por conta da data de publicação: 13 de outubro de 2017, exatamente a data de lançamento do disco.

Se este fosse apenas um dos argumentos para a construção textual, não seria digno de mencionarmos. Porém, Cotta oscila entre a descrição (sempre positiva) do cantor ou das faixas do long-play. Isso se torna um problema jornalístico na medida em que não há uma justificativa para não merecer uma nota máxima. Então, se todos os tópicos listados

são positivos, qual a razão pela qual o disco não merecer tamanha congratulação? Com isso, há um deslize do autor em se tratando das premissas do jornalismo cultural, por um excesso da utilização dos casos do dia.

Dessa maneira, em se tratando dos casos do dia, não constatamos quaisquer elementos que caracterizariam uma exacerbação de sua utilização. Ambos respeitaram o receptor no sentido de entrega do<sup>33</sup> conteúdo neste sentido. Por outro lado, no que tange ao *ethos* e ao que o jornalismo cultural propõe, o texto do Guardian deixa a desejar e peca na entrega de<sup>34</sup> conteúdo, enquanto o portal brasileiro cumpre com a maior parte dos requisitos propostos.

No que tange à perspectiva barthesiana de estereótipo, Cotta, mesmo tendo um aporte textual elogioso e contemplador, esbarra no Plant do passado. Na maioria das vezes, talvez mesmo sem o objetivo de fazer, o resenhista liga os vocais às performances antigas do cantor. Ou seja, elogiando ou não, quem, na verdade, não consegue dissociar de forma total o artista do passado com o presente é o próprio crítico.

Essa linha discursiva acorrenta o cantor ao seu passado, configurando, então, não somente um estereótipo, mas uma antítese. Visto que são duas fases diferentes da mesma pessoa que conflitam artisticamente uma vez que são lançadas em um emaranhado de palavras. Unindo duas “versões” do cantor de épocas e estilos muito distintos, causando um conflito conceitual sobre a proposição artística.

Ao invés de fornecer ao leitor um parecer que trate única e exclusivamente do desempenho do músico no álbum em questão, o jornalista cria amálgamas as quais pesam como âncoras para o andamento de sua argumentação. Os exemplos seguem aqui: “Com muito mais foco e boas ideias de que alguns de seus trabalhos dos anos 80 e 90”; “a faixa tem espírito de *Led Zeppelin*”; “sabe que não faz sentido

<sup>33</sup> Grifo nosso.

<sup>34</sup> Grifo nosso.



tentar sair berrando por aí como se o tempo não tivesse passado”; e “seria até meio ridículo tentar emular o Plant de 45 atrás, sendo que sua bagagem hoje é totalmente diferente do que era nos dias gloriosos do *Led Zeppelin*<sup>35</sup>. Mas, por outro lado, também seria espúrio ignorar sua própria trajetória e fazer um disco desconexo de suas raízes”. Essas são frases que caem no clichê acusando, portanto, a presença de estereótipos.

### Considerações finais

Durante as leituras do *corpus* selecionado, percebemos que existem altos e baixos quando analisamos fora do senso comum, no caso, sob a luz do aporte teórico de Barthes. Em determinados pontos, o texto brasileiro alcança os objetivos jornalísticos, porém, sem ter êxito completo. Enquanto isso, a resenha do portal britânico falha em aspectos distintos.

Não importa o local de origem, o texto jornalístico não é como uma carta, destinado apenas a um leitor escolhido a dedo. Ele é feito para informar qualquer pessoa que tiver a curiosidade de o ler, surgindo aí, a (quase) obrigatoriedade do conteúdo no texto, e não simples e pura opinião “atirada”<sup>36</sup> em formato de bloco de notas.

Apesar da crítica publicada no portal brasileiro ser rica em adjetivação, a parcela de leitores os quais desconhecem a obra de Plant tende a ficar perdida por faltarem locais de fala que situem um leitor leigo. Enquanto, do ponto de vista jornalístico, a resenha veiculada no Guardian peca em uma totalidade nos preceitos elencados por Piza (2013).

Conseqüentemente, esses deslizos remetem a uma falta de lapidação do texto, sem uma reflexão sobre a variedade de perfis de leitores os quais poderiam vir a consumir os textos crí-

ticos. Tal constatação, caracteriza, então, um não-atingimento do que a profissão jornalística propõe, ferindo o *ethos* idealizado para a profissão.

Partindo daí, Cotta acaba listando comparações demais com o Robert Plant *top of mind*,<sup>37</sup> fazendo com que a imagem retratada na base argumentativa seja necessariamente comparada e ligada exaustivamente a outras fases do artista. Isto se caracteriza expressamente como estereótipo pelo fato de retirar a fluidez das informações relacionadas ao *Carry Fire*.

Estes fatores caracterizam elementos que depreciam as linhas textuais trabalhadas pelo jornalista durante a redação da crítica. Por conta dos fatores elencados, somados à falta de pontos negativos da obra, muito do que foi dito cai no óbvio e não contribui para um diálogo acerca do *long-play* em questão. Automaticamente, isto fere os objetivos jornalísticos por trás do jornalismo cultural.

Enquanto isso, Mongredien fica no quase. O fato de não explorar absolutamente nenhum dos elementos colocados em seu espaço de crítica caracteriza basicamente uma preguiça jornalística. A leitura é insuficiente para alimentar um leitor com conteúdo. Não há qualquer local de fala e quando isso tenta ser estabelecido, ele faz com o *Led Zeppelin*. “Qualificando” seu texto como um *fait divers* de causa perturbada.

Não importa qual o autor, neste caso, Robert Plant tem (em sua carreira solo) 11 discos de estúdio e apenas um é citado e de maneira totalmente superficial (*fait divers* de causalidade subtipo causa perturbada). Isso caracteriza necessariamente a queda direta e certa em um estereótipo: em ambos os textos Robert Plant é o mesmo personagem. Será, portanto, dentro desta ótica, sempre visto da se-

---

<sup>35</sup> O itálico foi dado por nós, para manter o padrão do estudo, enquanto o negrito foi colocado pelo crítico em seu texto.

<sup>36</sup> Escrita com descaso, sem comprometimento.

<sup>37</sup> *Top of mind* é uma expressão dada ao que vem primeiro ao pensamento. Logo, quando falamos em Robert Plant, o que é lembrado primeiramente é o seu trabalho com o *Led Zeppelin*. Neste caso, o conceito de *Top of mind* é ligado ao clichê, o facilmente dedutível, a informação óbvia, o que acusa também a presença do estereótipo barthesiano.

guinte maneira: “vocalista do Led Zeppelin lança Carry Fire”, acorrentado ao estereótipo de seu passado.

A fuga do clichê, do banal, do senso comum não foi ao menos tentada, o que denigre os esforços. Tudo isso, somado ao uso dos casos do dia, resulta em resenhas que não contemplam uma variabilidade de leitores, mas, sim, os fãs, aqueles que acompanham o artista em questão. Então, abusando dos elementos investigados por Barthes, os críticos caem e não parecem tentar se desprender do óbvio. Gerando questionamentos sobre o porquê continuar a usar a “receita” e tornar mais previsível e menos versátil a crítica.

### Referências Bibliográficas

- (2017). Saiba quais são os 50 sites mais acessados do Brasil. *Revista Galileu*. Disponível em <http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2017/06/saiba-quais-sao-os-50-sites-mais-acessados-do-brasil.html>. Acesso em 25 dez. 2017.
- (s.d.). 100 Greatest Singers of All Time. *Rolling Stone Magazine*. [www.rollingstone.com/music/lists/100-greatest-singers-of-all-time-19691231/robert-plant-20101202](http://www.rollingstone.com/music/lists/100-greatest-singers-of-all-time-19691231/robert-plant-20101202). Acesso em 25 dez. 2017.
- Barthes, R. (2013). *A estrutura dos fait divers – íntegra*. Disponível em <https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/10/barthes-a-estrutura-dos-faitdivers.pdf>. Acesso em 25 dez. 2017.
- Barthes, R. (1993). *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Billboard Staff. (s.d.) *The 25 Best Rock Frontmen (and Women) of All Time*. Disponível em [www.billboard.com/photos/6721847/best-rock-singers-of-all-time](http://www.billboard.com/photos/6721847/best-rock-singers-of-all-time). Acesso em 25 dez. 2017.
- Christofolletti, R. (2008). *Ética no jornalismo*. São Paulo: Contexto.
- Cotta, F. (s.d.). *Robert Plant – Carry Fire. Crítica*. Disponível em <https://omelete.uol.com.br/musica/critica/robert-plant-carry-fire-critica/>. Acesso em 25 dez. 2017.
- Cruz, F. & Curi, G. (2015). Communication Breakdown: A cobertura do show de Robert Plant no festival Lollapalooza à luz do fait divers. *Revista Famecos*. Porto Alegre (RS): PUCRS.
- Kellner, D. (2001). *Cultura da Mídia*. Bauru: EDUSC.
- Mcintyre, H. (2017). *These Are The Top 10 Highest-Grossing Tours Of 2017 (So Far)*. Disponível em [www.forbes.com/sites/hughmcintyre/2017/07/20/these-are-the-top-10-highest-grossing-tours-of-2017-so-far/2/#775f148b75e8](http://www.forbes.com/sites/hughmcintyre/2017/07/20/these-are-the-top-10-highest-grossing-tours-of-2017-so-far/2/#775f148b75e8). Acesso em 25 dez. 2017.
- Mongredien, P. (2017). *Robert Plant: Carry Fire review – more of a good thing*. Disponível em [www.theguardian.com/music/2017/oct/15/robert-plant-carry-fire-review](http://www.theguardian.com/music/2017/oct/15/robert-plant-carry-fire-review). Acesso em 25 dez. 2017.
- Piza, D. (2013). *Jornalismo Cultural*. São Paulo: Contexto.
- Ramos, R. (2012). *Os sensacionalismos do sensacionalismo: uma leitura dos discursos midiáticos*. Porto Alegre: Sulina.
- Thompson, J. (1995). *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes.